



VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
V Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



**RUMOS PARA PENSAR, EPISTEMOLOGICAMENTE, O CONHECIMENTO E A
CIÊNCIA (DA COMUNICAÇÃO)**

Aline Corso^a, Gustavo Daudt Fischer^{a*}

a) Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Informações de Submissão

Autor principal
Aline Corso, endereço: Rua Os Dezoito do
Forte, 2366 - Caxias do Sul – RS.

* Orientador do Doutorado
Gustavo Daudt Fischer, endereço: Avenida
Unisinos, 950 – São Leopoldo – RS.

Palavras-chave:

Comunicação. Epistemologia. Filosofia da
Ciência. Pesquisa Científica.

Resumo

O presente ensaio teórico traz à luz algumas reflexões epistemológicas sobre os conceitos de conhecimento e ciência para, com isso, contribuir com o enriquecimento do campo da Comunicação, em especial na perspectiva latino-americana.

1 INTRODUÇÃO

A intenção deste texto é refletir - a partir dos textos apresentados na disciplina de Epistemologia da Comunicação, do curso de Doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - sobre como a área desenvolve sua constituição epistemológica, considerando sua perspectiva autônoma e condição relacional. O ensaio está dividido em três partes: a ciência como forma de conhecimento, o campo da comunicação e o contexto latino-americano e abordaremos, brevemente, “as premissas, fundamentos e diversidades epistemológicas em comunicação, o conhecimento científico e outros saberes, as epistemologias contemporâneas, a opção transmetodológica, a constituição do pensamento comunicacional, as articulações e as possibilidades teóricas e metodológicas da comunicação¹”.

¹Tópicos mencionados na ementa da disciplina Epistemologia da Comunicação, ministrada em 2019/1 pelo Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre.

2 A CIÊNCIA COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Peirce (*online*), mostra que as crenças “guiam os desejos e moldam as ações”. “Acreditar”, antigamente, era o suficiente, logo os métodos não-científicos não levavam a evolução do conhecimento (a produção lógica não é natural, mas sim cultural, e opinião é diferente de conhecimento). O oposto da crença é a dúvida, que nos tira da zona de conforto e nos impulsiona a buscar saberes, e o trabalho de aprofundar determinado conhecimento é a pesquisa científica². O autor, portanto, defende a necessidade de estudar a lógica e valoriza a experiência como forma de conhecimento (outras fontes seriam a percepção, a memória, o testemunho, etc.).

Mas o que é ciência? Em sua definição tradicional, é a investigação racional, por meio de métodos científicos, que busca a descoberta da verdade³. Em consulta ao dicionário Michaelis, ciência é definida como:

1 Conhecimento sistematizado como campo de estudo; 2 Observação e classificação dos fatos inerentes a um determinado grupo de fenômenos e formulação das leis gerais que o regem; 3 O saber adquirido pela leitura e meditação; 4 Soma dos conhecimentos práticos que servem a determinado fim; 5 Conjunto de conhecimentos humanos considerados no seu todo, segundo sua natureza; 6 Sistema racional usado pelo ser humano para se relacionar com a natureza a fim de obter resultados favoráveis; 7 Estudo focado em qualquer área do conhecimento; 8 Conjunto de conhecimentos teóricos e práticos canalizados para um determinado ramo de atividade; 9 Ramo específico do conhecimento, caracterizado por seu princípio empírico e lógico, com base em provas concretas, que legitima sua validade (MICHAELIS, 2019, *online*).

É um modo de tornar o mundo compreensível, para que o ser humano consiga “prever” situações e exercer o manejo da natureza (pela compreensão e não pela força). Historicamente, temos duas vertentes: o empirismo (neoristolismo - não há metafísica: a nossa mente nasce “vazia” e as sensações são organizadas à medida em que experienciamos o mundo. Fabricamos o conhecimento de forma indutiva) e o racionalismo (neoplatonismo - acredita-se em ferramentas inatas utilizadas para

² “A crença não nos faz agir imediatamente, mas coloca-nos numa posição em que nos comportamos de certa forma, quando surge a ocasião. A dúvida não tem qualquer efeito deste tipo, mas estimula-nos a agir até que é destruída (...) logo, com a dúvida a luta inicia, e com o cessar da dúvida termina” (PEIRCE, *online*, p. 8).

³ Diversos autores definem ciência e conhecimento científico de maneiras distintas. É mais claro compreender a ciência após delinear as outras formas de conhecimento. Sugiro a leitura do artigo “A Ciência como Forma de Conhecimento”, de Carlos Alberto Ávila Araújo. Ver: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000200014>. Acesso em: 27 jul. 2019.

compreender o mundo e metrificar a natureza. O conhecimento é fabricado de forma dedutiva). Kant, com seu criticismo, supera essas dicotomias, afirmando que temos categorias *a priori* e *a posteriori*, que atribuímos ao mundo, e são maneiras pela qual se estrutura o conhecimento.

O século XIX circunscreve a institucionalização da ciência, culminando com a produção de novos saberes. Para Japiassu (1991, p. 15-16), a ciência faria alusão “ao conjunto das aquisições intelectuais, de um lado, das matemáticas e, do outro, das disciplinas de investigação do dado natural e empírico, fazendo ou não uso das matemáticas, mas tendendo mais ou menos à matematização”. Wallerstein (1996, p. 15) afirma que a ciência tem que ser pensada como fortaleza do conhecimento e “como a busca de leis universais da natureza que se mantivessem verdadeiras para além das barreiras de espaço e tempo”.

No decurso do século XIX, as várias disciplinas como que se abriram em leque cobrindo toda uma gama de posições epistemológicas. Num dos extremos se situava a matemática (uma atividade de natureza não empírica) e logo encostada e ela todas as ciências naturais (perfiladas, por sua vez, numa espécie de ordem decrescente segundo o grau de determinismo – a física, a química, a biologia). No extremo oposto achavam-se as humanidades (ou artes e letras), começando pela filosofia (contraponto da matemática enquanto atividade não empírica), seguida do estudo das práticas artísticas não formais (as literaturas, a pintura e a escultura, a musicologia), que não sua prática concreta se aproximavam muitas vezes da própria história, ao se prefigurarem como uma história das artes. Por fim, entre as humanidades e as ciências naturais ficava o estudo das realidades sociais, com a história (idiográfica) a situar-se junto das faculdades de artes e letras ou mesmo no seu interior e com as ‘ciências sociais’ (nomotéticas) na proximidade das ciências da natureza (WALLERSTEIN, 1996, p. 24).

A ciência, assim, passa a ser assimilada como “a descoberta da realidade objetiva através do recurso a um método que nos permita sair para fora da mente” (WALLERSTEIN, 1996, p. 26). O conhecimento científico é resultado de um agir investigativo, não neutro, em constante mutação e pautado por dimensões teóricas, metodológicas, técnicas e epistemológicas. Tendo isso assimilado, pretendo discutir a questão da epistemologia.

Ferrara (2015, *online*), enuncia que “como nasce uma ideia pode ser a pergunta que define a epistemologia. Enquanto o domínio científico (...) procura perceber o modo como o conhecimento se processa: um conhecimento do conhecimento”. Etimologicamente, epistemologia significa discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*) e,

substancialmente, pode ser concebida como o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das ciências⁴ (JAPIASSU, 1977). Podemos conceituar, assim sendo, a *episteme* como sendo o pilar da teoria e filosofia da ciência - ela seria o conhecimento verdadeiro⁵, científico e racional, diferente do senso comum, sem crítica e inconsistente. A epistemologia, ou teoria do conhecimento,

não é, propriamente falando, o estudo dos métodos científicos, os quais pertencem à metodologia. Também não é uma síntese, ou uma antecipação conjectural das leis científicas (à maneira do positivismo ou do evolucionismo). Essencialmente, a epistemologia é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. Semelhante estudo tem por objetivo determinar a origem lógica (não psicológica) das ciências, seu valor e seu alcance objetivos (JAPIASSU, 1977, p. 25).

A epistemologia, portanto, é o “conhecimento do saber” e visa compreender como o ser humano busca conhecimento (fidedigno e basilar), assimilando as diversas formas de buscá-lo. De acordo com o “Dicionário Básico de Filosofia”, a epistemologia pode ser compreendida como “a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva” (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 84). O estatuto do discurso epistemológico é ambíguo: ele “encontraria na filosofia seus *princípios* e na ciência seu *objeto*” (JAPIASSU, 1977, p. 24) - a epistemologia teria, portanto, a atribuição de resolver o problema geral das relações entre filosofia e ciências.

Para o filósofo Christopher Norris (2007), que reflete entre positivismo, realismo e empirismo lógico, é preciso levar em consideração as circunstâncias epistemológicas para que os processos possam gerar conhecimento científico, e o ponto de convergência é a relação entre verdade, conhecimento e crença (conforme já referido por Platão). O autor menciona o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento e, em concordância com Peirce, argumenta sobre a importância de ter proposições com consistência lógica, fomentando culturas de investigação.

⁴ Ainda que pareça um termo antigo, surgiu, a partir do século XIX, no vocabulário filosófico.

⁵ A noção de verdade pode ser problematizada. Christopher Norris (2007), propõe uma discussão sobre conhecimento e evidência, ao trazer a declaração do então secretário de defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, acerca da invasão do Iraque. O presente artigo não se propõe a discutir essa questão, mas a nível de conhecimento, e para quem desejar se aprofundar, ler, a partir da página 50, o livro “Epistemologia, conceitos-chave em filosofia”.

Já Edgar Morin, em “O Método 3 – o Conhecimento do Conhecimento” (1986), considera que todo conhecimento é dotado necessariamente de: a) uma competência (aptidão para produzir conhecimentos); b) uma atividade cognitiva (realizada em função da competência) e c) um saber (resultante da soma das atividades anteriores).

Se o conhecimento é radicalmente relativo e incerto, o conhecimento do conhecimento não pode escapar a essa relatividade e a essa incerteza. Mas a dúvida e a relatividade não são somente corrosão; podem tornar-se também estímulo. A necessidade de relacionar, relativizar e historicizar o conhecimento não acarreta somente restrições e limites; impõe também exigências cognitivas fecundas. De toda maneira, saber que o conhecimento não possui um fundamento não é ter adquirido um primeiro conhecimento fundamental? (MORIN, 1986, p. 23).

Questionar a prática da ciência significa questionar os próprios objetos investigados. Para o filósofo Karl Popper, em “Conhecimento Objetivo” (1975), as teorias são fundamentais para a pesquisa e os erros fazem parte da evolução científica (os protocolos não são de natureza absoluta e definitiva) - os mesmos devem ser aprendidos, ajustados, e não cometidos novamente. A ciência, assim sendo, parte de problemas. É necessário que o pesquisador seja crítico, perceba que a pesquisa é algo em constante transformação e, principalmente, compartilhe tanto as suas incertezas quanto os seus resultados - assim, teremos uma melhoria das condições de conhecimento.

Bourdieu et al. (2010) problematiza as condições de produção do conhecimento e defende uma vigilância epistemológica, afirmando que necessitamos de questionamentos, diálogos, observações, deslocamentos e, principalmente, a necessidade de buscar conhecimento em outros campos. Retomando Morin, significa que devemos alimentar todas as disciplinas produzindo conhecimento, contextualizando e religando os saberes. O conhecimento do conhecimento é uma questão fundamental para todos.

Agora, falando em ciência em tempos de crise (s)⁶, reflito muito acerca da lógica do lucro na esfera do ensino - é notável que muitas instituições foram transformadas em grandes empresas, onde o objetivo principal é produzir volume de diplomados, e muitos

⁶ Em 2019, diversos cortes de verbas para a educação ocorreram no Brasil. Recomendo a leitura do artigo “Cortes de verbas desmontam ciência brasileira e restringem pesquisa a mais ricos - comunidade científica teme paralisação de pesquisas relevantes e perda de governança nas agências de fomento com rumores de fusão entre Capes e CNPq” para uma melhor compreensão do contexto supracitado. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296_718545.html>. Acesso em: 19 dez. 2019.

professores foram alocados em cargos de gestão e burocracia. Nesse ponto penso nos rumos da educação no país, reflexo de inúmeros fatores, onde inúmeros cursos estão sendo fechados e grades curriculares estão sendo revistas e comprimidas - pois, aparentemente, o estudante não tem “tempo e muito menos dinheiro” para ficar quatro anos focado no estudo. Penso também na situação política do país, que questiona o valor da ciência, ao cortar verbas públicas, por exemplo, para a pós-graduação. Finalizo a seção com uma citação do filósofo italiano Nuccio Ordine:

será preciso lutar muito nos próximos anos para salvar dessa deriva utilitarista não somente a ciência, a escola e a universidade, mas também tudo o que chamamos “cultura”. Será preciso resistir à dissolução programada do ensino, da pesquisa científica, dos clássicos e dos bens culturais, porque sabotar a cultura e a educação significa sabotar o futuro da humanidade. Há poucos anos tive a ocasião de ler uma frase simples, mas muito significativa, inscrita numa indicação de uma biblioteca de manuscritos num oásis perdido do Saara: “O conhecimento é uma riqueza que se pode transmitir sem se empobrecer.” Somente o saber, ao desafiar os paradigmas dominantes do lucro, pode ser compartilhado sem empobrecer quem o transmite e quem o recebe. Na verdade, os enriquece (ORDINE, 2013, n. p.)⁷.

É urgente e necessário mostrar que se produz pesquisa substancial! Particularmente, curso doutorado justamente para ter novos olhares sobre a situação e, como professora, o meu dever é sempre defender a ciência e tratar da cultura da aprendizagem de forma empática.

3 O CAMPO DA COMUNICAÇÃO

“A comunicação confunde-se com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar” (Bordenave).

Sfez (1994, p. 37) questiona: “em geral, que se entende por ‘comunicar’?” Para o autor, significa estabelecer ou ter alguma coisa em comum” (SFEZ, 1994, p. 38). Comunicar é vincular, relacionar, organizar e transmitir saberes e os seres humanos são seres comunicantes. Para Christino (2015, *online*), “comunicar é um saber prático e ético

⁷ O livro “A Utilidade do Inútil: um Manifesto” (2013), de Nuccio Ordine, me chamou a atenção pelo título (“o que são saberes inúteis?”, pensei) e adquiri a obra. Inicialmente, o autor traz citações de diversos escritores e filósofos (Dante, Hawkins, Aristóteles, Kant, Ovídio, Montaigne, Baudelaire, Locke, Boccaccio, Calvino, Zhuangzi, Ionesco, entre outros) e procura descortinar a discussão sobre os saberes ditos “inúteis”, ou seja, aqueles que não geram lucro instantâneo e concreto.

no qual os indivíduos abrem uns aos outros suas visões de mundo, suas concepções de si mesmos e do mundo circundante”.

A comunicação, conforme Trublet (apud CHRISTINO, 2015, *online*), está no centro do processo civilizatório, oportunizando a difusão do saber e a construção espiritual (e psíquica) da humanidade. A esse respeito, podemos refletir que a ciência dialoga com sistemas ancestrais e é influenciada por diversas etnias. O pensamento nagô⁸, trazido por Sodré (2017), se apoia na similitude entre correntes filosóficas ocidentais e de matriz africana e rompe com o elitismo eurocêntrico, nos fazendo refletir sobre uma comunicação transcultural, a do “ir e do vir”.

Essa é uma característica da comunicação enquanto proveniência do comum não como um fundo estabelecido de normas, mas como uma capacidade ou um potencial das faculdades humanas (...) No humano, o comum – o “para além” das diferenças entre culturas ou modos de existência – advém no processo de inteligibilidade de um sentido potencialmente partilhável. É a diversidade dos processos de compreensão e inteligibilidade que faz aparecer as coerências internas de cada cultura para em seguida torná-las comunicáveis (SODRÉ, 2017, n. p).

Na concepção nagô, o indivíduo só ganha vida ao passo que integra uma comunidade e o coletivo não pode seguir sem dar importância à cultura, à sabedoria do passado e às expressões comunicativas (oral e corporal). O livro de Sodré me remeteu a uma frase de Michel Maffesoli, no artigo “A comunicação sem Fim (Teoria Pós-moderna da Comunicação⁹)”: “não seria errado também falar em comunicação por referência aos novos pensamentos místicos, caso se tome por essencial a ideia de conjunção: a comunicação é que nos liga ao outro”. A sociedade, destarte, não existe sem comunicação e vice-versa.

O contexto latino-americano, entretanto, será tratado na próxima parte do artigo. Presentemente, quero atentar a constituição do pensamento comunicacional. Alsina, em “*Los Modelos de la Comunicación*” (1989) revisita teorias clássicas da comunicação, dividindo os estudos do campo em três momentos: a) até 1930, onde o foco estava nos saberes humanísticos (História, Filosofia, Literatura, Política e Direito), b) a partir de

⁸ “Nagô foi a última grande etnia de origem urbana da África que veio para a Bahia e fundou grandes comunidades litúrgicas, que se chamam terreiros de candomblé”. Ver: <<https://ufrj.br/noticia/2018/11/22/filosofia-stricto-sensu-dos-terreiros-de-candomble>> Acesso em: 21 jul. 2019.

⁹ MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.

1930, com métodos empíricos e quantitativos, próprios da Sociologia (com Lasswell¹⁰ e Shannon/Weaver¹¹) e c) pós 1950, com o surgimento de uma autonomia científica a partir das fluxos investigatórios de diferentes disciplinas (Schramm¹², Jakobson¹³, Maletzke¹⁴, etc.). É importante observar que cada modelo comunicacional estava atrelado ao clima intelectual da respectiva época e deve-se evitar engessar o objeto estudado em um único modelo, pois isso seria uma visão reduzida da realidade. A tradição deve ser o ponto de partida, nunca se deve aprisionar, mas sim expandir para outras perspectivas - com isso “colocam-se novos desafios, não só metodológicos e teóricos, mas também epistemológicos” (IANNI, 1998 apud LOPES, 2001, p. 51). A datar de 1990, as ciências humanas e sociais reconhecem a complexidade do fenômeno comunicacional que “se realiza em episódios de interação entre pessoas e/ou grupos, de forma presencial e/ou mediatizada” (BRAGA et al., 2017, p. 20).

Em “Pensar as Mídias” (2004), os Mattelart indicam a importância dos saberes empíricos ao longo do trajeto científico e discorrem a respeito da dificuldade em pensar a comunicação. Para o casal, que destaca a importância da reflexão epistemológica, é necessário um “distanciamento crítico para compreender como o amplo remodelamento em curso dos sistemas de comunicação afeta nossas sociedades e a maneira de pensá-las e concebê-las” (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2004, p. 16). Os autores evidenciam que os saberes sobre a comunicação se estenderam e

o campo foi investido, e o será cada dia mais, pelos interesses e pelas preocupações de disciplinas que possuem sua própria concepção da comunicação e da informação. O tema (...) é talvez um dos locais em que se percebe com mais acuidade a interpenetração crescente dos setores e das disciplinas (...) Diante dessa escalada da transdisciplinaridade, a distância epistemológica é cada vez mais necessária. As próprias noções de “comunicação” e de “informação” remetem a uma multiplicidade de teorias raramente explicitadas e coerentes entre si. No próprio interior das ciências humanas, essas noções servem de passarelas de uma disciplina para outra, assumindo conteúdos muitas vezes divergentes (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2004, p. 254).

¹⁰ Lasswell é muito conhecido pelo modelo de comunicação “*quem diz o quê a quem, por que canal e com que efeito*”.

¹¹ Os autores desenvolveram a “Teoria Matemática da Comunicação”, que mensura a quantidade de informação abarcada em uma mensagem bem como o seu respectivo potencial em determinado canal - essa comunicação pode ser entre duas máquinas, dois seres humanos ou até humano e máquina. Os autores trazem, pela primeira vez, o sentido de *ruído* comunicacional.

¹² Para o autor, o ato comunicativo é infundável, e trata, entre outras coisas, do sentido de *feedback*.

¹³ Jakobson dedicou-se às funções da linguagem e apresenta o esquema: remetente (codificador) - mensagem - destinatário (decodificador) - contexto - código - contato.

¹⁴ O autor evidencia o processo de comunicação de massas e suas consequências sócio psicológicas.

O campo da Comunicação tem um problema de polissemia e, embora muitos pesquisadores questionem o regime enquanto disciplina (assinalando como uma convergência de diversos campos), o próprio progride transdisciplinarmente. O campo acadêmico, de acordo com Lopes (2001), é formado por

um conjunto de instituições de nível superior destinados ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação. Isso implica dizer que nesse campo podem ser identificados vários subcampos: a) o científico, que implica em práticas de produção de conhecimento: a pesquisa acadêmica tem a finalidade de produzir conhecimento teórico e aplicado (ciência básica e aplicada) através da construção de objetos, metodologias e teorias; b) o educativo, que se define por práticas de reprodução desse conhecimento, ou seja, através do ensino universitário de matérias ditas de comunicação; c) o profissional, caracterizado por práticas de aplicação do conhecimento e que promove vínculos variados com o mercado de trabalho (LOPES, 2001, p. 48).

Aqui, julgo válido pensar: como exercer a transdisciplinaridade e, de igual forma, preservar a essência do campo? Penso que também existe um paradoxo: muitos profissionais da comunicação buscam instruções em outras áreas para se ampliarem a sua esfera de conhecimento.

Wallerstein (1996, p. 134) ao se reportar às ciências sociais, assegura que “devemos começar a dizer que o que temos a oferecer não são fórmulas simples e acabadas, mas, antes de mais nada, um conjunto de propostas provisórias que nos parecem apontar na direção correta”. Santos (2006), ao defender a existência de vastas formas de conhecimento, enfatiza que o pesquisador em comunicação deve se conscientizar acerca da efemeridade e da subjetividade dos seus objetos de estudo, principalmente os relacionados às tecnologias de comunicação e informação. Já Ferrara (2015, *online*), salienta que o cientista deve “reconhecer que, entre a configuração semiótica e a comunicação, há um rito de passagem que sugere ser necessário superar as simples configurações, a objetividade e as totalizações de sentido para se aproximar de uma ciência quase possível, incerta, mas real”. A autora sublinha que “cabe à epistemologia elucidar o modo como a comunicação, enquanto área científica, interfere na própria constituição política das transformações sociais” (*idem*).

Reflito que, enquanto pesquisadora em Comunicação, devo considerar a ciência e suas problemáticas de forma transdisciplinar, fortalecendo o campo em questão, mas estando atenta a diversos saberes científicos advindos de outras áreas do conhecimento.

4 CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Para discutir as perspectivas epistemológicas latino-americanas, elejo, em um primeiro momento, o livro “*Comunicación: campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas*” (2001), de Fuentes e Navarro, que traz treze artigos apresentados no GT 17¹⁵ - *Teorías y Metodologías de la Investigación en Comunicación* no V Congresso da ALAIC, ocorrido em 2000, em Santiago no Chile, acrescido de um artigo de Martín-Barbero. Os aportes desses artigos transitam por diversos temas: a origem da institucionalização do campo das Ciências da Comunicação, a reconstrução teórica e metodológica do campo acadêmico, os fundamentos da sua interdisciplinaridade, o estatuto disciplinário das pesquisas em comunicação e a atualização epistemológica, alguns relatos de experiências metodológicas aplicadas, as principais problemáticas nas investigações em comunicação, as perspectivas, balanços e correntes dos estudos da comunicação na América Latina em era digital, entre outros¹⁶.

Essa compilação manifestou o “estado da arte” dos estudos epistemológicos em comunicação na América Latina e foi de suma importância para propagar as produções de conhecimento no campo de estudos das ciências da comunicação. Em um sinótica apuração da pesquisa em comunicação a partir do livro explorado, quatro grandes áreas de análise se destacam:

1. influência da política econômica internacional no desenvolvimento cultural dependente;
2. políticas e democratização da comunicação;
3. comunicação popular e alternativa;
4. papel dos meios massivos na transformação das culturas e das identidades nacionais.

Percebo também, uma preocupação com o ciberespaço e a tecnocultura - isso fica aparente nos artigos finais do livro, com os artigos de Navarro, Sodré, Rubim, Alc zar, Rüdiger, Mata e Maldonado. O livro, conforme mencionado, data de 2001, desse modo a

¹⁵ “A *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC) foi criada em 1978, reunindo os pesquisadores das Ciências da Comunica o na América Latina. A entidade realiza, a cada dois anos, um congresso e um seminário internacional de pesquisa em comunica o. A preocupa o e o interesse do GT-17, naquela época, residia nas rela es relativas a produ o de conhecimento no campo de estudos das Ciências da Comunica o”. Ver: <<https://www.alaic.org>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

¹⁶ Autores que contribuem com o livro: Lopes, Navarro, Martín-Barbero, Capparelli, Stumpf, Martino, Gil, Maldonado, Lenarduzzi, Sodré, Entel, Rubim, Mata, Rüdiger, Alc zar e Navarro.

discussão era pautada no acompanhamento das mutações sociais provocadas pela mídia e pela realidade das tecnologias de comunicação e informação. Marcondes (2018), em reflexão atual sobre o mesmo tema, aborda os dilemas dos indivíduos na rede (solidão, tédio e angústia) e a forma como se articulam comunicacionalmente - o autor estimula pensar sobre “ficar sem tecnologia” e a sua repercussão social.

Seguindo essa perspectiva, Maldonado, no artigo “A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI”, integrante do livro “Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Novos Desafios na Prática Investigativa” (2013), trata da transformação cultural - “a revolução tecnológica no campo da comunicação está mudando a mídia. Tudo isso para que ela esteja presente no mundo todo, mais que os fatores comerciais”, explica (PROCESSOCOM, 2019, *online*). O autor ressalta que, no século XXI, a realidade está “na inversão das atuações das pessoas na comunicação. Ou seja, aos poucos os indivíduos passam a ser protagonistas, abastecendo com conteúdos espaços virtuais e midiáticos” (*idem*).

Recorro a um outro texto do mesmo autor, que uso em minha tese, “Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural” (2015), que defende que as novas configurações da cultura, digitais, desestruturam processos midiáticos e comunicacionais e, nessa perspectiva, “os suportes comunicacionais digitais favorecem assim as relações multiculturais” (MALDONADO, 2015, p. 715). O autor (2008) percebe a realidade como “multidimensional, multicontextual, dinâmica, multicultural, civilizadora e bárbara” e, a partir disso, sugere uma revolução tecnocultural e a opção de uma confluência multimetodológica pode vir a resolver algumas problemáticas comunicacionais.

Transmetodológico porque parte da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da confluência profunda, cooperativa e produtora da estruturação de métodos mistos, múltiplos. Por conseguinte, suas lógicas, componentes teóricos, estratégias, táticas, operações e técnicas são redefinidas indo além dos métodos de origem; porém, respeitando mediante pesquisa metodológica sistemática o valor histórico/científico de cada método em seu contexto de origem. Estrutura-se a proposta transmetodológica como uma proposição paradoxal que se nutre da riqueza metodológica do passado, não rejeita seu valor nos limites e contextos nos quais foi enriquecedora e geradora de saberes; mas, ao mesmo tempo, estabelece seus obstáculos epistemológicos, carências e problemas metódicos (MALDONADO, 2015, p. 721).

É valoroso para o pesquisador em comunicação visualizar a ciência (e as suas problemáticas) de forma transdisciplinar pois, assim, fortalecerá o campo específico por intermédio dos saberes científicos gerais. No campo científico da comunicação, entretanto, há uma forte inclinação em empregar o empirismo como forma de validação de pesquisa. A transmetodologia, opção epistêmica de confluência de métodos, conecta os âmbitos teórico, metodológico e empírico.

A transmetodologia apresenta-se como uma linha de pesquisa metodológica que procura trabalhar - visualizações epistêmicas; concepções teóricas; desenhos e estratégias metodológicas, e operacionalizações técnicas, combinando-as com que as outras áreas oferecem para realizações férteis. (MALDONADO, 2013, n. p)

Particularmente, o pensar transmetodológico é natural, visto que venho de uma formação “não clássica”, e, agora, enquanto discente de doutorado da linha de pesquisa “Mídias e Processos Audiovisuais”, faço reflexões sobre as processualidades de pesquisa importantes no campo da Comunicação (como a pesquisa da pesquisa e de contextualização), bem como a importância da imersão no objeto investigado. Vejo, também, que a construção do conhecimento ocorre de forma progressiva.

Já a edição de número 219 da “*Revista Anthropos – Huellas del Conocimiento*” (2008), compilação de textos de dezoito pesquisadores, traz como tema central a investigação e a análise da obra do espanhol Jesús Martín Barbero. Martín Barbero fornece diversos aportes teóricos para a pesquisa em comunicação, especialmente com objetos de práticas culturais do contexto latino-americano. As ideias estão pautadas nos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão e, com uma abordagem culturalista, discorre sobre o deslocamento entre produtores, produtos e receptores de informação e o foco muda de produção para recepção, reconfigurando sentidos sociais. Quanto a *mediação*, o autor “se refere às apropriações, recodificações e resignificações particulares aos receptores. Martín Barbero pensa, portanto, a comunicação a partir da cultura e a recepção a partir da comunicação e procura problematizar a sociabilidade, a identidade e as mediações. O entendimento de Martín Barbero reside na América Latina enquanto lugar de fala, na relação entre tecnologia e economia (contexto de uma transnacionalização acelerada), na concepção dos meios como integrantes das mediações sociais e culturais e na comunicação como formadora de um saber híbrido.

Sob a mesma perspectiva, Verón, em “Fragmentos de um Tecido” (2005), discorre sobre o papel de “quem lê e quem é lido na mídia”, ou seja, na relação emissor-receptor.

Hoje essa relação é uma via de mão dupla, onde, segundo o autor, a questão principal “é a articulação entre produção e recepção dos discursos (...). Compreender essa articulação constitui hoje (...) o desafio principal tanto no plano da teoria como no da pesquisa” (p. 274). O pensamento de Verón foi de extrema importância, pois associou a produção de teorias com a pesquisa empírica. A ótica do autor está na passagem das sociedades midiáticas para as midiáticas, na relação entre as mídias e sua recepção, nos argumentos construídos a partir de bases teórica e processos empíricos na luz aos desafios da complexidade dos fenômenos comunicacionais.

A partir das leituras realizadas, reparo que a epistemologia latino-americana congrega aportes teóricos funcionalistas (norte-americanos) e críticos (europeus), mas que direciona o olhar para os sujeitos e as suas particularidades comunicativas, buscando respostas para problemas constituídos pela indústria midiática local, compondo uma pluralidade de perspectivas.

No contexto brasileiro, em específico, é importante mencionar diversas pesquisas relacionadas à Epistemologia da Comunicação, destacando o Grupo de Trabalho da COMPÓS¹⁷, criado em 2014, e que tem sido essencial quanto às dificuldades referentes ao campo. Lopes (2001, n. p.) mostra que os principais campos de pesquisa são os “estudo de meios; práticas da comunicação; comunicação e cultura, estudos interpretativos e semióticos; sociabilidade, subjetividade e comunicação; comunicação, arte e literatura; estudos de recepção; teoria e epistemologia da comunicação”.

¹⁷ “O GT é voltado para o estudo da comunicação enquanto área de conhecimento e pesquisa, buscando características de seu objeto e perspectivas para a investigação, com atenção para o lugar desse conhecimento no quadro das disciplinas sociais. Acolhe pesquisas nas distintas correntes teóricas em circulação para refletir sobre as propostas epistemológicas e metodológicas na área. Interessa ao GT o estudo dos diferentes regimes de interação, como fatores comunicacionais que caracterizam a experiência sociocultural e seus processos de construção do tecido social. É valorizado o debate de questões epistemológicas relativas ao desenho da pesquisa e à metodologia de investigações desenvolvidas ou em desenvolvimento; assim como de inferências derivadas de pesquisas empíricas na área (...) Visando o encontro da pluralidade de perspectivas sobre o conhecimento comunicacional, consolidado através de mútuo e continuado tensionamento, o GT é um espaço para interação transversal entre as áreas de interesse e linhagens investigativas do campo da comunicação representadas nos GTs da Compós e nas linhas de pesquisa dos PPGs da área (...) Ao lado do estudo de paradigmas clássicos da comunicação, o GT, como espaço atento à transformação dos processos sociais, acolhe contribuições para a caracterização e o desenvolvimento de novos parâmetros O Grupo proposto se caracteriza assim pela discussão conceitual a respeito dos fundamentos epistemológicos da Comunicação”. Disponível em: <http://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=OQ==>. Acesso em: 17 jul. 2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Braga (2005) defende que dois elementos são necessários para começar uma pesquisa: a dúvida e a curiosidade (elementos apontados por diversos autores trabalhados no decorrer da disciplina). Para o autor, “deve-se ter dúvidas, reconhecer que não sabemos alguma coisa sobre a questão de nosso interesse” (BRAGA, 2005, p. 289). O trabalho de aprofundar determinado conhecimento é a pesquisa científica e a minha tese, portanto, fruto de minha inquietação e curiosidade, seguirá o rumo de investigar, em perspectiva tecnocultural, as relações entre arte, tecnologia e memória, como uma tentativa de elucidar um dos caminhos possíveis para pensar a restauração de arte (nascida) digital. Santaella (2001, p. 104), defende que a ciência é “coisa viva” e que “o mais relevante está naquilo que ainda não se conhece e se está lutando por descobrir”, portanto penso que, se a pesquisa está em fase seminal, eu devo abrir os olhos para diversas questões acerca do fenômeno a ser pesquisado.

A presente pesquisa permitiu que eu pudesse me aproximar de alguns conceitos, bem como assimilar a importância de determinados métodos que prevalecem no campo científico da Comunicação Social - visto que não possuo formação na área. Ademais, a perspectiva transmetodológica será um caminho a ser observado atentamente e o trabalho me cativou a agir sob rígido olhar epistemológico como pesquisadora, o que será muito útil na construção da minha tese.

6 REFERÊNCIAS

ALSINA, M. **Los modelos de la comunicación**. Madrid: Tecnos, 1989.

BASTOS, M. T. A. **Do sentido à mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero**. Famecos. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/5369/4888>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Revista Comunicação & Educação**, ano 10, n. 3, pp. 288-296, 2005.

BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a**

sociedade [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, 449 p. Paradigmas da Comunicação collection.

CHRISTINO, D. **A arte de conversar-existência, epistemologia e comunicação**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-175a67ea-40b5-40ac-8e71-4fa9638d12a5_2916.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FERRARA, L. **A retórica na epistemologia da comunicação**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos_2015_com_id_2829.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

NAVARRO, R. F.; LOPES M.M. **Comunicação campo e objeto de estudo**. México: Iteso, 2001.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**, 3a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LOPES, M. I. (2001). **O Campo Da Comunicação: Reflexões Sobre O Seu Estatuto Disciplinar**. *Revista USP*, (48), 46-57.

MALDONADO, A. E. **Epistemología de la comunicación**. Quito: Ediciones Ciespal, 2015.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A.E.; BONIN, J.; ROSARIO, N. (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: UFPB, 2008.

_____. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, n. 34, set./dez. 2015.

MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**.

MARCONDES, C. **Pequenas percepções, grandes mudanças: sobre a solidão, o tédio e a angústia dos jovens na era das altas tecnologias**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_EKRK2UNY2J0NZGNNOFM3_27_6192_29_01_2018_15_04_27.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MARTÍN BARBERO, J. **Comunicación y culturas en América Latina**. *Revista Anthropos/Huellas del conocimiento*. No 219, 2008.

_____. **Retos A La Investigación De Comunicación En América Latina**. Disponível em: <https://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/barbero_martin_retos_a_la_investigacion_en_la_comunicacion_en_a.l.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MATTELART, A; MATTELART. **Pensar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MICHAELIS Dicionário. **Site oficial**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MORIN, E. **O método, vol. 3, o conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986.

NORRIS, C. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORDINE, N. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PEIRCE, C. S. **A fixação da crença**. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

PROCESSOCOM. **Site oficial**. Disponível em: <<http://www.processocom.org/2008/09/30/livro-aborda-as-perspectivas-metodologicas-em-comunicacao>>. Acesso: 22 jun. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, B. S. Para uma epistemologia do Sul. In: Boaventura de Sousa Santos. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política [Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume 4]**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WALLERSTEIN, I. et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2004.